

APRESENTAÇÃO

*“Quem tem mais palavras ou que sabe melhor manusear
as poucas que tiver está em boa condição de jogo”*

Elisa Lucinda

Estudos dedicados à descrição lexical ou à sua faceta aplicada, a Lexicografia, não prescindem mais dos recursos que as evoluções tecnológicas do final do século XX, marcadas, entre outras, pelas tecnologias da informação e da comunicação (as TICs), nos propiciam. Além da possibilidade de trabalhar com grandes *corpora* textuais, cujos conteúdos podem ser rapidamente mapeados, calculados, organizados de diferentes formas com a ajuda de programas de processamento automático da linguagem, temos acesso a uma infraestrutura comunicacional que permite a interação em rede, multiplicando a capacidade de troca de informação e do trabalho colaborativo. A exemplo do que vemos com a *Wikipédia* e com dicionários *online*, como o *Reverso*, usuários passam a poder contribuir com os recursos de consulta, acrescentando-os de todo tipo de informações. Muda, assim, nossa maneira de olhar para as línguas e para a produção de linguagem de modo geral e mudam os recursos dos quais dispomos para a comunicação, que nunca foi tão facilitada e enriquecida de possibilidades.

Por outro lado, para usufruir desses avanços e fazer parte do “jogo”, há que se saber “manusear as palavras”. Os processos de interação que se realizam também hoje, e muitas vezes sobretudo, em ambiente virtual, feitos *grosso modo* de leitura e produção de texto, não deixaram de evidenciar as questões que nos fazemos desde sempre quando a compreensão ou a capacidade de expressão falham: *o que é isso? O que quer dizer? Ou, por outro lado, como se diz? Como se traduz? Como posso ser mais preciso?* Perguntas, na realidade, que exigem estudos sofisticados para serem bem respondidas, uma vez que expõem a conexão da linguagem com o mundo e com a própria interlocução, intensificando-se com a interculturalidade em todas suas dimensões, seja entre falantes de uma mesma língua seja entre falantes de línguas diversas. E para obter respostas a essas questões, é à *palavra* que, enquanto leitores e produtores de texto, nos dirigimos. Por mais ambígua que seja – do que afinal estamos falando ao tratar de *palavra*: de *em*, de *em condição de*, de *boa condição*, de *em condição de jogo*? Qual *jogo*? –, é pela palavra que

acessamos as respostas que buscamos sobre o mundo e sobre a própria linguagem através de textos.

Os estudos do léxico e de suas ferramentas de consulta, mais conhecidas na forma de dicionários, fazem da *palavra* sua unidade privilegiada para abordar a linguagem e suas diversas situações de produção. A linguagem produzida pelos mais distintos contextos da atividade humana é evidenciada pelos estudos de Terminologia; a linguagem produzida pelas práticas tradutórias, que criam encontros entre culturas, estimula e, ao mesmo tempo, coloca à prova tanto a produção científica voltada aos estudos do léxico quanto a produção lexicográfica; a linguagem vista da perspectiva das variadas situações de letramento é objeto de reflexão da Lexicologia e do que se convencionou chamar de Lexicografia Pedagógica, dedicada à análise e elaboração de instrumentos de consulta lexical que visam favorecer a aprendizagem linguística. Esses estudos já têm uma história em nosso Instituto de Letras, consagrada pela criação da linha de pesquisa de Pós-Graduação *Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais*, e estão em diálogo constante com a produção científica produzida em diferentes contextos nacionais e internacionais. É com o intuito de compartilhar leituras desse campo de pesquisa e ampliar o número de interlocutores que convidamos os autores aqui apresentados a disponibilizarem seus trabalhos via tradução.

Iniciamos com o artigo de Sven Tarp e Pedro A. Fuertes-Oliveira, que precisam as diferentes situações em que o lexicógrafo pode explorar dados empíricos obtidos da Internet e propõem métodos para qualificar e tornar mais eficientes essas práticas. Isso passa, entre outras etapas, pela busca de informações sobre as necessidades lexicográficas do público-alvo de um dicionário que se quer elaborar, pela seleção e preparação das informações lexicográficas (o uso da Internet como *corpus*) – cuja discussão é ilustrada pelo projeto em andamento dos Dicionários On-line de Espanhol Valladolid-Uva – e pela avaliação do dicionário do ponto de vista do consulente.

Sven Tarp também contribui, em co-autoria com Kasper Fisker e Peter Sepstrup, com a análise de uma ferramenta de apoio lexical para a escrita em língua estrangeira, um dos maiores desafios para a Lexicografia de todos os tempos, mas que ganha destaque com o avanço das tecnologias da informação. Como suprir as necessidades de usuários, que tradicionalmente combinariam consultas a vários tipos de dicionários (bilíngues e monolíngues) para produzir um texto, de modo mais personalizado (que responda às necessidades de expressão do consulente) e eficiente (sem que o consulente perca o foco de sua produção)? O artigo, densamente ilustrado, analisa a experiência de uso, por parte de aprendizes e professores de Inglês de diferentes contextos, do *Write Assistant*, ferramenta desenvolvida pela Ordbogen A/S (empresa dinamarquesa de TI), além de discutir a filosofia por trás da ferramenta, as técnicas aplicadas, sua base empírica e sua funcionalidade.

Também preocupada com a produção escrita, Ana Frankenberg-Garcia aprofunda o estudo sobre os tipos de exemplos em dicionários para aprendizes de Inglês como língua estrangeira. Partindo de seus trabalhos anteriores, distingue os exemplos entre aqueles que

facilitam a compreensão do sentido da palavra (a decodificação), e aqueles que fornecem elementos para a expressão oral e/ou escrita (a codificação), sobre os quais se concentra no artigo aqui apresentado. Com base em uma pesquisa experimental refinada envolvendo 161 graduandos portugueses de cursos diversos (Turismo, Hotelaria, Administração, Secretariado etc.), a autora comprova sua hipótese de que exemplos organizados com base em diferentes padrões léxico-gramaticais de uso facilitam a codificação em língua estrangeira. Resta saber qual seria a quantidade ideal de exemplos em um dicionário, aspecto mais dependente, conforme suas pesquisas, de preferências individuais dos aprendizes.

Trazemos também dois trabalhos que descrevem a elaboração de dicionários voltados mais especificamente à etapa escolar. O artigo de Rosa Estopà apresenta a construção de um dicionário escolar de ciências em língua catalã para crianças em fase de alfabetização, situando-se na fronteira dos estudos lexicográficos e terminológicos ou, mais precisamente, no âmbito da Terminologia Escolar. Partindo do pressuposto de que, para compreender o significado do que os professores falam, o que dizem os textos, testes e exercícios sobre ciências, as crianças devem poder se apoiar em suas próprias palavras, através de seus esquemas cognitivos, a autora desenvolve uma metodologia colaborativa e acumulativa. Entre outros procedimentos, constrói-se um *corpus* de representação do conhecimento das crianças a partir do que expressam, por meio de definições e desenhos, sobre determinado conceito científico, base para a elaboração do dicionário. O artigo comenta ainda um experimento posterior (uso do dicionário em um teste de compreensão) com 160 estudantes, mostrando como o trabalho com a linguagem pode andar junto com a construção do conhecimento científico. Já o artigo de Michèle Fourment-Berni Canani descreve em detalhes estratégias que ela criou para tornar a obra de sua autoria – um dicionário de aprendizagem bilíngue (francês > italiano) para adolescentes itálofonos – mais pedagógica do ponto de vista cultural. A abordagem intercultural atravessa todos os elementos do dicionário, fazendo do verbete o lugar privilegiado para tratar tanto das especificidades da cultura-alvo quanto da cultura compartilhada com a comunidade dos consulentes. Além disso, o texto ilustra, da mesma forma que seu dicionário, como descrição linguística e cultural são inseparáveis.

Lucía Marconi, Leonel Ruiz Miyares e Paola Cutugno apresentam uma pesquisa lexical do tipo básica, servindo tanto para aplicações pedagógicas quanto para trabalhos voltados à reabilitação da linguagem (com indivíduos disgráficos e/ou afásicos). Buscando caracterizar o léxico utilizado por estudantes cubanos – tanto em relação às formas lematizadas quanto às flexões –, o estudo analisa e compara dados extraídos do *Léxico Ativo-Funcional del Escolar Cubano* – feito com base em um *corpus* oral e escrito de mais de 700.000 palavras – e do *Diccionario Ortográfico del Español*. Com uma metodologia estatística sofisticada, o trabalho revela especificidades da variante do espanhol falado por jovens cubanos e estimula a realização de estudos descritivos em outros contextos.

Para fechar este número, contamos ainda com a tradução de dois artigos sobre a linguagem de gêneros científicos oriundos dos trabalhos desenvolvidos pelo projeto

Scientext (França). A partir da exploração de um *corpus* de língua francesa de textos científicos de diversas áreas do conhecimento, Francis Grossmann descreve o funcionamento de uma classe lexical intimamente relacionada à postura epistêmica da construção do conhecimento científico: os verbos “constativos”. Ancorados no semantismo da percepção – diferentemente dos verbos de julgamento – verbos como *ver*, *observar*, *constatar*, *notar*, *perceber*, entre outros, adquirem um papel importante na escrita científica, mas guardam especificidades de uso condicionadas por seu perfil sintático e semântico, o que é analisado em detalhes nesse artigo. Por fim, Agnès Tutin trata da fraseologia transdisciplinar do artigo científico, apresentando os fundamentos teóricos e metodológicos do estudo do que podemos considerar como uma “linguagem de gênero”, ou seja, comum ao gênero discursivo em análise. Marcada por sequências lexicais que recobrem funções referencial, discursiva e interpessoal, além de rotinas retóricas (enunciados típicos), a linguagem do artigo científico em francês é descrita de uma perspectiva funcional, gerando um material que serve de base tanto para um estudo epistemológico do texto científico quanto para aplicações didáticas no contexto do letramento acadêmico.

Às autoras, aos autores e respectivas editoras nosso agradecimento e reconhecimento pela contribuição científica que realizam, pelo “jogo” que ensinam a jogar... Lembrando, por outro lado, que boa parte dos leitores deste volume do Cadernos de Tradução estaria sem boas condições de jogo se não fosse o trabalho primoroso de um time de peso: nossa(o)s estudantes e colegas do Instituto de Letras, responsáveis pelas traduções, supervisões e revisões dos textos, bem como pela colaboração na edição deste número, realizada pela bacharelanda Sofia Froehlich Kohl. A toda(o)s nossa imensa gratidão.

Bora aprender como ensinar a jogar com as palavras! Boa leitura!

Sandra Dias Loguercio

Como citar este texto (ABNT):

LOGUERCIO, S.D. Apresentação. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 43, jul/dez, p. 6-9, 2018.